

## MESTRANÇA: GIOCONDA MUSSOLINI E A ANTROPOLOGIA EM SÃO PAULO (1938 – 1969)<sup>1</sup>

Andrea Ciacchi<sup>2</sup>

**Resumo:** Gioconda Mussolini (1913-1969) foi a primeira mulher, no Brasil, a fazer da Antropologia social a sua profissão exclusiva. Além do ensino na Faculdade de Filosofia (desde 1938), ela realizou pesquisas etnográficas no litoral norte do Estado de São Paulo, a partir de 1944, e publicou vários artigos. Em 1945, concluiu o Mestrado em Antropologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, sob a orientação de Herbert Baldus. Este trabalho é dedicado à sua trajetória, como docente de Antropologia, no sistema de ensino vigente na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, entre as décadas de Quarenta e de Sessenta. Nele, reúne a maioria dos depoimentos e testemunhos registrados, ao longo da pesquisa, junto aos seus antigos alunos e colegas. O material coletado permite iluminar melhor alguns dos momentos decisivos dos primeiros anos da institucionalização da Antropologia no Brasil.

**Palavras-chave:** Gioconda Mussolini; ensino de antropologia, Faculdade de Filosofia da USP

## SHIPMISTRESS: GIOCONDA MUSSOLINI AND THE ANTHROPOLOGY AT SÃO PAULO (1938-1969)

**Abstract:** Gioconda Mussolini (1913-1969) was the first woman in Brazil, to make of social anthropology its exclusive profession. Besides teaching at the Faculty of Philosophy (since 1938), she made ethnographic research on the northern coast of São Paulo, since 1944, and published several articles. In 1945 completed a Masters in Anthropology at the Escola de Sociologia e Política of São Paulo, under the guidance of Herbert Baldus. This work is dedicated to her career as a professor of Anthropology in the Faculty of Philosophy, Science and Letters of University of São Paulo (USP), between the decades of 1940s and 1960s. This paper also gathers and reviews the testimony of her former students and colleagues. The collected material allows a better spotlight on some of the defining moments of the early years of institutionalization of Anthropology in Brazil.

**Keywords:** Gioconda Mussolini; Teaching Anthropology; Faculty of Philosophy of USP.

---

<sup>1</sup> O artigo origina-se de pesquisa de pós-doutorado na UNICAMP, com recursos do CNPq.

<sup>2</sup> Professor de Antropologia na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Doutor em Estudos Ibéricos pela Universidade de Bolonha. E-mail: andrea.ciacchi@unila.edu.br.

A professora Gioconda Mussolini – a professora em sala de aula – parece sobrepular as outras Giocondas<sup>3</sup>. A sua atuação na docência, com efeito, é a única que recebe repercussão fora dos praticantes, também estritos, da disciplina antropológica. Isso porque a Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde ela atuou a partir de 1944, oferecia disciplinas também para os alunos de História e Geografia e de Pedagogia, além do fato de que os estudantes da seção de Ciências Sociais, evidentemente, repartiam-se, depois, entre as três áreas: Sociologia, Antropologia e Política. Alguns depoimentos são unânimes na descrição de uma experiência discente fora do “ordinário”. Entre vários, seleciono o de Antônio Augusto Arantes que se formou em 1965:

Era uma grande professora. Ela preparava as aulas, e me lembro que na sala de aula era o maior respeito, porque você vê que a pessoa passou horas e dias preparando. Tinha anotações e consultava, ela pensava durante a aula. Não era uma aula mecânica. [...] Era uma atividade importante pra ela dar aula. Não só ela fazia com prazer, como ela fazia bem, com muito empenho (Depoimento pessoal).

Também significativo, mas pelo que revela à revelia, é o sintético – e ingeneroso – juízo do próprio “chefe” de Gioconda, de 1949 a 1965, o prof. Egon Schaden: “Gioconda Mussolini, *diligente pesquisadora* dotada de excepcionais qualidades didáticas”, em depoimento publicado em 1984, ou seja, quinze anos depois da morte dela (SCHADEN, 1984: 253, grifo meu).

A lista de alunos que declaram, em algum lugar ou de alguma forma, ter sido alunos dela é significativa: Paula Beiguelman, Fernando Novais, Ecléa Bosi, Fernando Henrique Cardoso, Roberto Cardoso de Oliveira, Ruth Correia Leite Cardoso, Eunice Ribeiro Durham, Lourdes Sola, Pedro Paulo Poppovic, José de Souza Martins, Antonio Augusto Arantes, Luiz Mott, Francisco Weffort, Antonio Carlos Diegues, Maria Sylvia de Carvalho Franco, Leôncio Martins Rodrigues, Eva Alterman Blay, Ethevaldo Siqueira, Janice Theodoro, Mauro William B. de Almeida... Em companhia de duas gerações de cientistas sociais, historiadores, geógrafos, psicólogos e pedagogos formados pela Universidade de São Paulo e menos conhecidos nacionalmente. Alguns lembram dela mesmo em ocasiões em que são chamados para outras recordações. É o caso da ex-aluna e ex-assistente de Gioconda, Eunice Durham, que num evento em

---

<sup>3</sup>Sobre a sua trajetória e produção intelectual, cf. CIACCHI (2007, 2009 e s.d.).

homenagem a Florestan Fernandes, depois de enfatizar como esse mestre orientou a leitura atenta de tantos clássicos da sociologia, acrescenta:

Aliás, essa lição, a de que é necessário respeitar o trabalho do autor e que toda crítica é um trabalho de análise que tem de ser feito a sério, me foi inculcada não apenas por Florestan, mas também por Gioconda Mussolini, a quem gostaria, neste momento, de prestar uma homenagem paralela (DURHAM, 1987: 22).

Na mesma ocasião (a 1ª Jornada de Ciências Sociais da UNESP, realizada em Marília em 1986), Fernando Henrique Cardoso lembra:

Florestan, que era sociólogo e nos fazia ler Weber, Marx e Durkheim, de repente era um dos homens que ao lado de Gioconda Mussolini e de outros eruditos em Antropologia, como Egon Schaden e Emilio Willems, mais sabiam a respeito dessa disciplina (CARDOSO, 1987: 27).

Como testemunho de alguém que marcaria o campo da antropologia longe de São Paulo, mas que estudou filosofia na USP (entre 1950 e 1953), reproduzo ainda o curtíssimo depoimento de Roberto Cardoso de Oliveira:

[...] é bom lembrar que o Bastide dava um curso chamado “La sociologie primitive”, que eu cito em francês porque o curso era dado realmente em francês. [...] e eu tinha feito também um curso de história da antropologia, nem me lembro se foi como ouvinte ou não, dado pela Gioconda Mussolini, que era uma excelente professora. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1996: 197)

Todos estavam, à época, na rua Maria Antônia, de onde Gioconda saíria, também, depois daquele outubro de 1968, para os barracões da Cidade Universitária, passando por Paris, Londres e a Itália, até a morte repentina e precoce no seu sobrado da Vila Pompeia.

Quase como uma epígrafe no meio do texto, julgo caber aqui um material curioso, mas que corrobora o sentido daquilo que podemos passar a definir como a formação do “mito”<sup>4</sup> da professora Gioconda. Trata-se de um verbete, não assinado (mas atribuível ao historiador Luís Soares de Camargo, no âmbito de um projeto do Arquivo Histórico Municipal Washington Luís, provavelmente tendo como fonte algum ex-aluno da professora) e publicado apenas na internet, no contexto de um sítio dedicado a traçar a “História das ruas de São Paulo” e fazer uma espécie de “enciclopédia” dos logradouros da cidade. A Gioconda Mussolini da rua homônima, no

---

<sup>4</sup>A expressão me foi proposta pela professora Bela Feldman Bianco, mas a tomo, aqui, com reservas, por enquanto.

Butantã, a poucos metros de um dos portões de acesso à atual Cidade Universitária da USP, é assim descrita:

A professora Gioconda Mussolini nasceu no ano de 1913. Foi professora do setor de Antropologia do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Formada sob a orientação de renomados cientistas de vários países que lecionaram na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP nos anos da sua fundação, e na Escola de Sociologia e Política, a professora Gioconda Mussolini logo passou a contribuir, por sua vez, para enriquecer o conhecimento da Antropologia no Brasil, tanto no terreno didático, como no da pesquisa. Estudiosa infatigável e extremamente rigorosa consigo mesma, dedicava-se ao preparo das aulas de uma forma tal que seus cursos, transcendendo o estrito objetivo do ensino da Antropologia, transformavam-se em estímulos à adoção de uma postura ditada pelos mais altos padrões de ética científica. Seus alunos, colaboradores e todos aqueles do mesmo metier ou afim que com ela privavam, beneficiavam-se da sua perfeita atualização no domínio bibliográfico, que dadivosamente partilhava com os interessados, aos quais sempre franqueou a consulta à sua preciosa biblioteca particular. Todo esse comportamento, aliás, decorria de uma personalidade harmoniosa, na qual a inteligência e espírito se conjugavam a uma excepcional e positiva afetividade. Era uma das principais figuras da Antropologia em nosso País, estimada e respeitada pelos seus colegas dos diversos Estados. Recentemente retomara de viagem à Europa, tendo estagiado em Paris a convite de Lévi-Strauss, seu antigo mestre. [...] Faleceu em 28 de maio de 1969<sup>5</sup>.

Muito conhecido – pelo contexto em que está inserido<sup>6</sup> – é o depoimento da dramaturga Consuelo de Castro: “E a apaixonante Gioconda Mussolini – que não era uma professora, era uma chama, um caminho em forma de mulher” (LOSCHIAVO, 1988: 93).

Sobre o dia-a-dia das atividades docentes, ainda na rua Maria Antônia, é geral<sup>7</sup> a lembrança de Gioconda Mussolini como professora de Antropologia Física. Nesse sentido, vale lembrar algumas passagens da comunicação apresentada por Egon Schaden na I Reunião Brasileira de Antropologia (Rio de Janeiro, novembro de 1953):

Os programas da Disciplina (hoje Cadeira) [na FFCL da USP] incluíram desde o início questões gerais e específicas de antropologia física e de antropologia cultural. O Conselho Técnico-

<sup>5</sup><http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx>. Acesso em 20 de abril de 2015.

<sup>6</sup>Uma coletânea de depoimentos sobre os anos em que a Faculdade de Filosofia funcionou nessa rua da Consolação, com particular referência ao ano “quente” de 1968.

<sup>7</sup>Depoimentos de Antonio Candido (novembro 2005), João Baptista Borges Pereira (setembro 2006), Antonio Carlos Diegues (setembro 2006), Renate Viertler (novembro 2006) e Ruth Cardoso (maio 2007), registrados durante a pesquisa.

Administrativo da Faculdade decidiu [...] que [...] antropologia seria tomada em seu duplo aspecto: cultural e físico. [...]

Para os alunos de Ciências Sociais [...] há cursos de ambos os ramos da ciência antropológica. [...] Na secção de Ciências Sociais, por seu turno, a orientação de ensino dará maior ênfase a questões de organização social e interação humana e às relações entre sociedade e cultura, sem que, por isso, os alunos da secção sejam dispensados do estudo da antropologia física, sob pena de perderem, o que seria lamentável, visão de conjunto do ser humano, razão de ser da própria ciência antropológica. Ademais, não deixa de ser valiosa, para o sociólogo, a compreensão das bases e condições biológicas da vida em sociedade. [...]

Nessa exigência reside uma das principais dificuldades do atual ensino antropológico no Brasil, uma vez que são poucos os docentes cuja formação universitária abranja todos os setores; *só com grande esforço pessoal* são capazes de superar a falha, para não a perpetuarem por mais uma geração. (SCHADEN, 1954: 3-8)

O acesso aos programas da Cadeira de Antropologia, conservados no “Setor de Apoio ao Ex-aluno de Graduação” da Administração da Faculdade de Filosofia<sup>8</sup>, permite contextualizar esse entendimento e alargar a reflexão até abarcar as distintas concepções antropológicas que se confrontavam nesse período e o que, de fato, se praticava nas salas de aula da USP.

Julgo necessário entrar em detalhes, para que as duas questões, a posição de Gioconda Mussolini e as rotinas pedagógicas da Cátedra de Antropologia se iluminem mutuamente e, ao mesmo tempo, facilitem uma recapitulação histórico-metodológica sobre o ensino de Antropologia, na USP.

Para os anos letivos de 1952, 1959, 1960, 1962, 1965, 1966 e 1967 é registrada a oferta de um curso de “Introdução à Antropologia”. Em 1952, este curso é dividido em 15 tópicos. Dois são gerais: 1. *Objeto e divisões da antropologia*; 2. *Desenvolvimento histórico da antropologia*. A seguir, aparecem doze tópicos que é possível considerar de “antropologia física”: 3. *Elementos de antropometria*; 4. *Elementos de Somatologia*; 5. *Elementos de craniologia*; 6. *O problema da evolução humana*; 7. *Estudo descritivo dos principais pré-homínidas*; 8. *O homo neandertaliensis*; 9. *O homo sapiens fossilis*; 10. *O conceito de raça e o problema de classificação racial*; 11. *Fundamentos genéticos da diferenciação racial*; 12. *Estudo descritivo das principais raças humanas*; 13. *As raças indígenas da América e o problema de suas origens*; 14. *Migrações e contactos raciais do ponto de vista da etno-biologia*. Finalmente, o último tópico (15. *As relações entre*

---

<sup>8</sup>Só há registro dos programas para os anos de 1952, 1953, 1955, 1959, 1960, 1965, 1966, 1967 e 1968. Agradeço a dona Cau, funcionária da FFLCH, pela sua gentileza e disponibilidade.

*raça e cultura*) parece apontar para a direção de uma antropologia cultural. Nesse mesmo ano letivo de 1952 a Cátedra oferece mais dois cursos: “Introdução à Economia Primitiva” e “Problemas de Aculturação no Brasil Meridional”. Ora, se é pacífico que esta última disciplina ficava a cargo de Egon Schaden, não há dados certos sobre a divisão de tarefas entre Schaden e, nesse ano, a sua única assistente, Gioconda Mussolini. Alguma sugestão vem das bibliografias apenas às ementas. No caso da “Introdução”, há grande quantidade de textos americanos dos anos Trinta e Quarenta, de antropologia física, mas, também, Franz Boas (*Race, Language and Culture*), Ruth Benedict (*Race: Science and Politics*), Arthur Ramos (*Introdução à Antropologia Brasileira*), autores que figuram nas bibliografias de alguns dos cursos de Antropologias frequentados por Gioconda durante o seu Mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política. É razoável imaginar que as aulas fossem subdivididas entre os dois docentes, cabendo a Schaden os assuntos mais diretamente ligados a antropometria, somatologia e craniologia<sup>9</sup>.

Mas, já em 1959, o panorama muda. A “Introdução à Antropologia” aborda logo a “Caracterização do objeto da Antropologia dos pontos de vista biológico e cultural” (1º tópico do programa) e, em seguida, a antropologia física ocupa apenas metade da ementa. A partir do nono tópico, as aulas enveredam decididamente para a antropologia cultural: 9. *Análise antropológica do conceito de cultura*; 10. *Posições metodológicas no estudo das culturas*; 11. *Áreas e ciclos culturais*; 12. *Cultura e civilização*; 13. *Cultura e personalidade*; 14. *Principais problemas antropológicos do Brasil*; 15. *O problema da antropologia aplicada*. A bibliografia, muito mais ampla do que em 1953, compreende agora dezenas de obras e de textos de antropólogos culturais e sociais, entre os quais britânicos como Evans-Pritchard, Firth, Lowie, Malinowski, Radcliffe-Brown; norte-americanos como Tylor, Morgan, Boas, Kroeber, Kluckhohn, Herskovits, Sapir, Mead, e brasileiros, como Florestan Fernandes (a *Função Social da Guerra entre os Tupinambás*), Gilberto Freyre (*Casa-Grande & Senzala e Sobrados e Mucambos*), Sérgio Buarque de Hollanda (*Raízes do Brasil e Caminhos e Fronteiras*), Oliveira Vianna (*Populações Meridionais do Brasil*), Arthur Ramos (quase toda a sua produção antropológica), Antonio Candido (*Os parceiros do rio Bonito*), além de textos de professores e pesquisadores estrangeiros que estavam ou estiveram no Brasil, como Roger Bastide, Charles Wagley, Herbert Baldus, Emilio Willems, Donald Pierson. Este

---

<sup>9</sup>Vai nesse sentido o depoimento de Lourdes Sola (maio de 2007).

programa mantém-se inalterado até 1962. A essa altura, a Cátedra já conta com outros três assistentes: Ruth Corrêa Leite Cardoso, Eunice Ribeiro Durham e Amadeu Duarte Lanna. Pelo depoimento de Antonio Augusto Arantes<sup>10</sup>, aluno nesse ano e, mais tarde (1966 e 1967), também assistente, esse curso geral era ministrado por Gioconda Mussolini; Schaden ficava com “Aculturação dos índios do Brasil”<sup>11</sup> e Eunice Durham e/ou Ruth Cardoso lecionavam “Problemas de Antropologia Aplicada” (para o 4º ano e a Especialização). Para os alunos do Curso de Psicologia, Gioconda também ministrava uma disciplina denominada “Introdução à Antropologia com Destaque dos problemas de Personalidade e Cultura”.

Em outros anos letivos, porém, o esquema era ainda diferente. Em 1953 houve oferta de dois cursos distintos: “Antropologia Física” (com um desdobramento e ampliação dos itens da “Introdução à Antropologia” de 1952) e “Antropologia Cultural”, por sua vez subdividido em quatro partes: “Introdução”, “Cultura e Civilização”, “Cultura e Personalidade” e “Contactos raciais e culturais”. A oferta era completada por “Problemas de aculturação no Brasil Meridional”. O mesmo esquema tripartido repete-se em 1955. Não tendo depoimentos que permitam identificar a divisão das aulas entre os dois docentes, aqui, mais uma vez, é razoável imaginar que as duas disciplinas mais gerais, tanto a de antropologia física quanto a de antropologia cultural, ficassem mais a cargo de Gioconda que de Schaden. É oportuno lembrar, a esta altura, que o professor Schaden era frequentemente empenhado em viagens no Brasil e no exterior, para palestras, congressos, seminários e cursos de curta duração. Na sua ausência (mesmo nos anos em que o número de assistentes era superior) era sempre Gioconda que respondia pela chefia da Cátedra e, também, por uma carga horária didática mais elevada<sup>12</sup>.

Em 1965 e 1966 há novas alterações, mas se mantém a ideia da separação entre antropologia física e antropologia cultural. Em 1965, volta a “Introdução à Antropologia” (para o 1º ano de Ciências Sociais), agora novamente equilibrada entre tópicos “físicos” e tópicos “culturais e sociais”; mas, ao mesmo tempo, são ofertados os cursos de “Etnografia do Brasil” (para o 2º ano de Ciências Sociais), “Cultura e Personalidade” (para Psicologia), “Minorias Étnicas e Populações marginais no Brasil” (para o 3º e 4º ano de Ciências Sociais) e “Antropologia Cultural” (optativo para alunos

<sup>10</sup>Em maio de 2007.

<sup>11</sup> Em 1965, Schaden defenderia a sua tese de cátedra, intitulada, justamente, *Aculturação indígena*, mais tarde publicada, em 1969, pela editora Pioneira.

<sup>12</sup> Depoimento de João Baptista Borges Pereira (setembro de 2006).

de História e de Geografia). Em 1966, a mesma oferta, sendo que o curso sobre “Minorias” é substituído, para os alunos do 3º e 4º ano de Ciências Sociais, por outro, denominado “Culturas e Sociedade Indígenas do Brasil”. Finalmente, a documentação disponível apresenta as atividades para 1967 e 1968, os primeiros após a aposentadoria de Schaden e com João Baptista Borges Pereira responsável pela direção da Cadeira. Em 1967, à tradicional “Introdução” acrescentam-se os cursos de “Cultura e Sociedade” (para o 2º ano de Ciências Sociais), “Fome e Trabalho em Sociedades Indígenas do Brasil” e “O Estudo de Comunidades”, ambos para os alunos do 3º e 4º ano de Ciências Sociais. Em 1968, muito provavelmente o ano em que o novo catedrático teve pela primeira vez plena autonomia para planejar as atividades didáticas, o quadro prevê um curso de “Antropologia” (para o 1º ano de Ciências Sociais), dividido em quatro seções: 1. *Introdução: A Unidade da Antropologia*; 2. *O homem como ser biológico*; 3. *O homem como ser cultural*, e 4. *A noção de primitivo em Antropologia*. Trata-se, como é evidente, de uma versão atualizada e, provavelmente, muito alterada (embora não haja referência, neste Anuário, à bibliografia utilizada) da antiga disciplina de “Introdução à Antropologia”. Paralelamente, os alunos do 2º ano de Ciências Sociais frequentariam o curso de “Antropologia Social”, que, com essa denominação, aparece pela primeira vez. Aqui, mesmo sem a bibliografia, há vários elementos que deixam supor a inclusão do paradigma estruturalista (“conceito de estrutura”; “parentesco”, “incesto e exogamia”)<sup>13</sup>. Para os alunos do 3º e 4º ano de Ciências Sociais a oferta prevê “Minorias Étnicas” e “Culturas e Sociedades Indígenas do Brasil”. Cursos denominados “Personalidade e Cultura” e “Antropologia e Educação” eram oferecidos, respectivamente, para os alunos de Psicologia e de Pedagogia, enquanto uma “Antropologia Cultural” aparece como “optativa para alunos de outros cursos que não o de ciências sociais”.

É necessário lembrar que o ano letivo de 1968 foi atípico e atormentado, para alunos e professores das Ciências Sociais. As aulas iniciaram, como de costume, no prédio da rua Maria Antônia. Mas a ocupação da faculdade de Filosofia, por parte do movimento estudantil, durante o recesso do meio do ano, e a sucessiva “batalha da Maria Antônia”, em 3 de outubro, com a morte do estudante secundarista José Carlos Guimarães, provocaram a interrupção das atividades didáticas, que só seriam retomadas

---

<sup>13</sup>Mauro Cherobim, em depoimento para esta pesquisa, afirma: “em 1969, Amadeu [Lanna] voltou da França pensando, falando, respirando estruturalismo. Era uma coisa nova e Lévi-Strauss estava no auge da sua popularidade. Era Lévi-Strauss na França e Amadeu nas Ciências Sociais da USP”.



plenamente na nova Cidade Universitária, no Butantã. Gioconda Mussolini, porém, não esperou que a situação se definisse e, atendendo a um “convite” (de acordo com os depoimentos da família e do prof. Borges Pereira) do seu antigo professor, Claude Lévi-Strauss, na segunda metade de outubro foi a Paris, onde permaneceu até fevereiro ou março de 1969.

Seja como for, esse resumo das ofertas de disciplinas pela Cadeira de Antropologia para alguns cursos da Faculdade de Filosofia permite algumas considerações gerais e outras que se aproximam mais do objetivo deste trabalho. Se, como se sabe, nos Estados Unidos a antropologia abarca quatro esferas de investigação: a Antropologia Física, a Antropologia Cultural, a Linguística e a Arqueologia, nos anos em que Egon Schaden esteve à frente da Cadeira de Antropologia da USP, o ensino da antropologia física ao lado da social-cultural foi predominante. Nesse período, aliás, na Universidade de São Paulo, a reunião das quatro áreas seria impossível. De fato, o ensino de Arqueologia encontrava-se pulverizado em cursos ocasionalmente oferecidos pela Cátedra de História e, a partir de 1962, mas por curto e atormentado período, no Instituto de Pré-História, criado por Paulo Duarte. Por sua vez, a pesquisa arqueológica no Brasil concentrava-se em campos extra-acadêmicos, como principalmente o dos Museus: o Museu Nacional, o Museu Paulista e o Museu Paraense Emilio Goeldi<sup>14</sup>. Por outro lado, existia na Faculdade de Filosofia, desde a sua fundação, a Cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani, criada e regida até a sua aposentadoria, por Plínio Ayrosa, que também excursionava pela arqueologia. Segundo João Baptista Borges Pereira isso determinava

uma dualidade institucional que cortava, por assim dizer, um campo intelectual e impedia a Antropologia de assumir a sua integralidade como área de saber, tanto no plano do ensino, como no da pesquisa. Tal situação mantinha-se graças ao prestígio pessoal e poder político do professor Ayrosa. Com a morte desse catedrático, em 1963, Schaden consegue eliminar essa dualidade, vencendo a resistência da área da Sociologia, liderada por Florestan Fernandes, que pretendia trazer Herbert Baldus, do Museu Paulista, para reger a cadeira de Etnografia. Cria-se, então, a cadeira de Línguas Indígenas do Brasil, que passa para o Setor de Letras [...] (PEREIRA, 1994: 4)<sup>15</sup>.

Mas o que de fato acontece é que, logo depois da morte de Gioconda, na Faculdade de Filosofia da USP deixa de ser oferecido o conteúdo de Antropologia

<sup>14</sup> Cfr., sobretudo, Schwarcz (1993), Ferreira (2010) e Funari (2000).

<sup>15</sup> Esse desejo do prof. Florestan deve ter sido compartilhado por Gioconda, que fora orientanda de Baldus na ELSP.

Física<sup>16</sup>. Conteúdo que, parece evidente pelas declarações de princípio de Schaden, transcritas acima, mais do que exigência regimental da faculdade, era mesmo parte integrante de uma ideia de ensino cara ao chefe da Cátedra. Vão na mesma direção, aliás, as palavras de Florestan Fernandes na “Nota da Editora”, por ele assinada enquanto “Diretor da Série de Ciências Sociais da Biblioteca Universitária” da Companhia Editora Nacional, na primeira edição da coletânea, *Evolução, Raça e Cultura (leituras de antropologia física)*, com “Seleção, organização e notas” de Gioconda Mussolini:

Para concretizar esse objetivo [*preencher a lacuna de textos de antropologia física*] foi convidada a professora Gioconda Mussolini, do setor de antropologia da Seção de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, freqüentemente encarregada do ensino da antropologia física nessa escola. *Embora não seja uma especialista em antropologia física*, a professora Gioconda Mussolini reúne a experiência e a maturidade, resultantes de longo e profundo tirocínio no ensino da matéria, às mais altas credenciais e prestígio científico em seu campo de investigações (FERNANDES, 1969: XI-XII, grifo meu).

As palavras de Schaden e as considerações de Florestan Fernandes parecem convergir para que se forme diante de nós, nitidamente, a imagem de uma Gioconda Mussolini comprometida com uma incumbência emergencial, por falta de outra pessoa habilitada: ensinar antropologia física embora ela fosse, para todos os efeitos, uma antropóloga social. Quase uma missão, mas não um sacrifício, se prestarmos ouvidos a uma das pessoas que mais estiveram próximas dela, a professora Paula Bieguelman<sup>17</sup>, que garante ter sido o trabalho de organização e feitura da coletânea de antropologia física “a maior contribuição acadêmica” da professora Mussolini, além do fato de ela, Gioconda, ter atendido a essa tarefa com o maior entusiasmo. E, também, se atribuirmos relevância aos numerosos testemunhos de ex-alunos de Gioconda, que registram a excelência dessas aulas e o grande empenho dela em prepará-las e ministrá-las. Vale mencionar aqui as palavras da socióloga Heleieth Saffioti: “em 1957 [...] tive que estudar a maldita da antropologia física, decorar todos aqueles ossinhos. Quem dava a disciplina era a Gioconda Mussolini de quem eu gostava muito” (TRINDADE, 2012: 140).

A quadripartição “americana” da antropologia, portanto, não vingou no campo

<sup>16</sup> Segundo João Baptista Borges Pereira (entrevista em setembro de 2006).

<sup>17</sup> Comunicação pessoal, maio de 2007.

acadêmico brasileiro, embora ela aparecesse, por exemplo, já na segunda Reunião Brasileira de Antropologia (Salvador, 1955), cuja organização foi “distribuída em sessões sobre Arqueologia, Antropologia Física, Lingüística, Antropologia Cultural, Aculturação e Ensino da Antropologia” (CORRÊA, 1988: 79-98).

Sobre essa questão, Luís de Castro Faria, no obituário de Egon Schaden (texto em que também analisa alguns dos programas acadêmicos da Cadeira de Antropologia da FFCL, que acabamos de apresentar), volta a oferecer a sua visão crítica, amadurecida, aliás, como é notório, num ambiente (o Museu Nacional do Rio de Janeiro) em que a tradição da antropologia física e biológica desempenhou um papel muito consistente:

Na realidade, tanto E. Willems quanto E. Schaden e Gioconda Mussolini foram vítimas de uma sujeição perversa a dispositivos legais, arbitrariamente impostos. O primeiro, formado em Ciências Econômicas, o segundo, em Filosofia, e a terceira, em Ciências Sociais, tiveram que assumir o ensino de uma disciplina para a qual não receberam nenhuma preparação (CASTRO FARIA, 1993: 247).

Mais adiante, porém, o mestre fluminense ameniza: “De qualquer modo, é certo que os três de São Paulo fizeram o melhor possível. Os programas foram bem elaborados, e a bibliografia oferecida, ampla e bem selecionada” (*Idem*).

Para encerrar essa discussão, cabe, também, sublinhar o fato de que há muito ainda a ser desvendado sobre as práticas de ensino de antropologia na FFCL, nos seus primeiros anos. As lacunas tornam-se mais patentes e lamentáveis quando as comparamos à grande quantidade e qualidade de textos que permitem reconstruir características, modelos, modalidades e tendências do ensino de sociologia, na mesma instituição. A projeção alcançada, no campo das ciências sociais brasileiras por figuras que, como Antonio Candido e Florestan Fernandes, foram alunos do curso e, mais tarde, professores, tem levado à publicação de numerosíssimas lembranças, memórias e depoimentos, mais ou menos pontuais, que, de fato, permitem uma visão bastante exaustiva do que acontecia nas salas de aula da Maria Antonia, quando se tratava de docentes das duas cadeiras de Sociologia<sup>18</sup>. Se no período “heróico” marcado pelos professores da missão francesa isso é compreensível, pois, afinal, nessa época, na FFCL, nem se ensinava antropologia, propriamente, a escassez de informações sobre o

---

<sup>18</sup>O trabalho mais recente, nessa linha, é a preciosa reconstrução das rotinas acadêmicas das duas cadeiras de sociologia da FFCL, nos anos Cinquenta e Sessenta, publicada por Carolina Pulici (2008). Mas cf, também, Jackson (2007a, 2007b) e Jackson e Blanco (2014) e Spirandelli (2011).

período 1941-1968 mereceria ser corrigida, urgentemente, através de pesquisas mais aprofundadas<sup>19</sup>.

Desse ponto de vista, a Biblioteca Florestan Fernandes, da atual Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, dispõe de um acervo que está à espera de ser observado, analisado e interpretado. Trata-se do acervo pessoal de Gioconda Mussolini, adquirida pela FFCL em 1971. Em 20 de novembro de 1969, seu sobrinho, Silvio Morello, escreve para o então catedrático de Antropologia, João Batista Borges Pereira, comunicando que “[...] tendo os herdeiros da Profa. Gioconda Mussolini resolvido colocar à venda a sua biblioteca” propõe à “Universidade de São Paulo a compra da mencionada biblioteca”<sup>20</sup>. Quatro dias depois, Eurípides Simões de Paula, então diretor da FFCL, designou uma comissão para “dizer da vantagem e utilidade dos livros oferecidos” e “fazer o levantamento dos mesmos”. A comissão, composta por João Batista Borges Pereira, Renate Viertler, Thekla Hartmann e Hunaldo Becker, todos (menos Thekla Hartmann) ex-alunos e/ou amigos de Gioconda, emitiu, em 24 de março de 1970, um parecer substancialmente favorável à aquisição, anexando a listagem das obras: 1027 livros, 71 títulos de periódicos e 12 obras de referência. O valor sugerido para a compra foi de 15.800 Cruzeiros Novos. A aquisição foi concluída em 1971. Mas o grande interesse que esse acervo representa, agora, é o fato de que Gioconda Mussolini usava os seus livros de forma peculiar. Qualquer usuário da Biblioteca da FFLCH, hoje, que tenha acesso a um desses volumes, vai encontrá-los repletos de grifos e anotações marginais, com lápis e canetas de várias cores, através das quais Gioconda preparava as suas aulas. Além disso, ela emprestava esses livros, assim fartamente anotados, aos seus alunos que, como muitos deles têm testemunhado, utilizavam as anotações para as suas atividades didáticas. Ela escrevia, grifava, fazia exclamações, referências a outros textos: esse rico cabedal de informações poderá oportunamente esclarecer tanto vários aspectos da personalidade e da posição de Gioconda Mussolini quanto elementos úteis para a reconstrução de etapas importantes da história do ensino de antropologia no Brasil<sup>21</sup>.

Uma primeira observação, baseada apenas na listagem das obras, permite

---

<sup>19</sup> A publicação de uma entrevista com Antônio Augusto Arantes (TORRES, 2008) parecia abrir caminho para essa empreitada, mas, depois dela, não houve mais nenhuma contribuição, a não ser o depoimento memorialístico de João Baptista Borges Pereira (2013) sobre as aulas de Egon Schaden.

<sup>20</sup> Processo FFCL nº 242/69, folha 2. O processo está conservado na Administração da atual FFLCH.

<sup>21</sup> Devo essa primeira informação ao mais dedicado entre os ex-alunos e colaboradores de Gioconda: o prof. Antônio Augusto Arantes. O acervo dos livros dela encontra-se hoje misturado aos demais livros de circulação normal na Biblioteca da FFLCH.

apreender, por exemplo, a grande quantidade de edições originais de obras estrangeiras (de antropologia, mas também de história, sociologia, filosofia, psicologia, semiótica etc.), adquiridas antes da sua publicação em tradução portuguesa (quando houve). É o caso de todas as obras de Lévi-Strauss, por exemplo, mas também de autores como Malinowski, Radcliffe-Brown, Margareth Mead, Robert Redfield, Evans-Pritchard, além de uma rica “marxiana”, sobretudo em espanhol. A irmã mais nova de Gioconda, Ariclé Lisboa, confirma: Gioconda era uma compradora quase compulsiva de livros.

Voltando às atividades didáticas da professora Gioconda Mussolini, é significativo, por testemunhar tanto o papel desempenhado por ela em sala de aula como a sua proximidade dos seus ex-professores, outro relato de Paula Bieguelman, para explicar a dificuldade de acompanhar as aulas ministradas em francês:

[...] felizmente minha classe contava com o auxílio de uma professora querida, Gioconda Mussolini, assistente do prof. Emilio Willems e formada numa das primeiras turmas. Gioconda *assistia às aulas conosco* e, quando soltava sua simpática risada, ficávamos sabendo que o professor havia dito (em francês) algo engraçado. Mas o mais importante é que ela tomava apontamentos que, em seguida, repassava para nós, acrescentando oralmente as explicações necessárias. Grande antropóloga e grande figura humana! (BIEGUELMAN, 2004, grifo meu)

A essas orientações informais, mas que devem ter contribuído para fazer de Gioconda uma figura querida e popular entre os alunos, acrescenta-se a atividade de orientadora formal de três dissertações de mestrado, a partir de 1965, quando na Faculdade de Filosofia é implantado o chamado “Regime Especial dos Cursos de Pós-Graduação” (MACIEL *et alii*, 1978: 120). Assim, a documentação disponível atesta que Gioconda Mussolini orientou as dissertações de Amadeu José Duarte Lanna (*Aspectos econômicos da organização social dos Suyá*, 1966 – defendida diante de uma banca que compreendia também Ruy Coelho e Maria Sylvia de Carvalho Franco), de Renate Brigitte Viertler (*Os Kamayura e o Alto Xingu: Análise do Processo de integração de uma tribo numa Área de aculturação intertribal*, 1967 – com Paula Bieguelman e novamente Maria Sylvia de Carvalho Franco na banca), e de Angelina Cabral de Teves (*A mulher tribal brasileira: Aspectos obstétricos e educacionais*). Esta última orientação é interrompida pela morte de Gioconda, substituída, na tarefa, pelo então catedrático, João Baptista Borges Pereira. A dissertação será defendida em 1970, diante de uma banca composta, também, por Carlos Drummond e Thekla Hartmann (*Idem*: 129-136). A proximidade entre orientadora e orientandos devia gerar laços mais fortes e que

extrapolavam a relação acadêmica, se Gioconda será, em seguida, madrinha da filha primogênita de Renate Viertler e testemunha do casamento de Amadeu Lanna. Esses dois ex-alunos, Renate e Amadeu, finalmente, se tornariam professores assistentes na mesma Cadeira de Antropologia.

Outro elemento que se acrescenta a esse quadro é o contido, ainda, na narrativa de Paula Bieguelman, que relata que ela e Gioconda, no período da mais pesada repressão policial, após a emissão do AI-5, visitavam frequentemente delegacias policiais e a própria sede do DOI-CODI, na Rua Tutóia, no bairro do Paraíso, ou do DOPS, no largo General Osório, com o objetivo de interceder para a soltura de alunos presos com base em suspeitas de ligação com grupos de oposição. Paula Bieguelman conta que a atitude e a postura de Gioconda eram “maternas”, como se ela quisesse, diante das autoridades, minimizar e justificar as “travessuras” dos seus “meninos”. Consta, também, que nesse mesmo período Gioconda teria escondido na sua residência alguns alunos, ex-alunos e colegas procurados pela polícia, entre os quais, Francisco Weffort (à época, orientando de Paula Bieguelman), segundo depoimento de Amadeu Lanna<sup>22</sup>. Entretanto, essas informações não são suficientes para configurar uma eventual militância esquerdista de Gioconda. Apesar disso, fica sem resposta a indagação suscitada por outra narrativa, a da professora Heleieth Saffioti, que, orientanda de Florestan Fernandes, em 1967, ao preparar a defesa da sua tese de livre-docência (*A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*), viu formada a banca pelos professores Antonio Candido, Florestan Fernandes, Rui Coelho, Luís Pereira e Gioconda Mussolini. Um membro do Conselho Estadual de Educação – que controlava as defesas de teses na ocasião – leu a tese de Heleieth, antes da defesa. “Ele concluiu que eu era uma comunista, assim como toda a banca”. Assim, dois componentes, Luís Pereira e Gioconda Mussolini, foram substituídos<sup>23</sup>. Em outro depoimento, a professora Eleieth dá mais pormenores:

Eu indiquei [*para participar da banca*] a nata da sociologia que estava no Brasil, na época: Florestan, Ruy Coelho, Antonio Candido, Luiz Pereira e a Gioconda Mussolini, porque eu queria uma mulher, ela era aberta para o assunto e tinha uma vasta cultura. [...] Na USP não houve problemas, mas quando chegou no Conselho, eles foram informados pelo padre que se tratava de uma candidata comunista, de um trabalho comunista, de uma banca comunista [...] Eles não tiveram peito para mexer com as vacas sagradas – Antonio Candido, Ruy Coelho e Florestan – mas

<sup>22</sup> A informação, porém, não pôde ser conferida com o interessado.

<sup>23</sup> “Professora recebe homenagem no Senado”. *Jornal PUCVIVA* n° 389 – 01/04/2002.

substituíram o Luiz e a Gioconda [...] (TRINDADE, 2012: 150).

Embora a professora Saffioti não faça menção desse aspecto, é necessário lembrar que, entre os argüidores, Gioconda era a única a não possuir o título de doutor.

Mas que a participação de Gioconda nos dramáticos eventos ligados à repressão policial na rua Maria Antônia oscilasse entre a solidariedade firme, o “apoio com ternura juvenil”<sup>24</sup> a afetuosa distância de perspectivas “revolucionárias” fica registrado nesse episódio, contado por José de Souza Martins<sup>25</sup>:

Durante a ocupação da Faculdade de Filosofia, na rua Maria Antônia, em 1968, Gioconda apoiou a ocupação da escola, ativamente. Dormia no saguão, junto com alunas e alunos de plantão. Entrou um dia, durante a tarde, na sala em que eu me encontrava, que era a dos auxiliares de pesquisa da Cadeira de Sociologia I, do Professor Florestan Fernandes. Havia ali outras pessoas. No meio da conversa, contou que os alunos mais ativos no movimento a haviam censurado porque dava esmola a um mendigo, que literalmente "morava" no alpendre fronteiro da escola. Era muito simpático e educado, mulato, às vezes ligeiramente embriagado. Conversava com desenvoltura e os alunos o tratavam com a intimidade de amigo. Gostava da Gioconda e a Gioconda gostava dele. Ele sempre lhe pedia uns trocados para um café. Ela lhe dava dinheiro suficiente para comer algo substancioso, uma verdadeira refeição, e não só para o café. Os alunos a reprovavam dizendo-lhe que com a esmola atrasava a revolução, alimentava o conformismo daquele homem perdido para o movimento revolucionário em pleno andamento. Comentário da Gioconda na conversa conosco:

- Mas enquanto a revolução não chega ele tem que comer, não é mesmo?

Se os alunos de Gioconda mantêm ligações com a professora, esta, por sua vez, continua próxima dos seus professores. É o caso, notadamente, de Emilio Willems, agora seu chefe de Cadeira, com quem compartilhará duas importantes pesquisas de campo. A primeira, realizada em Cunha (SP), em 1945 e 1946, resultará na publicação, em 1948, de *Cunha: tradição e transição em uma cultura rural do Brasil*. A mesma monografia será reeditada em 1961, com o título *Uma vila brasileira: tradição e transição*, omitindo-se assim o nome da cidade, que passa a ser chamada, nesta segunda edição, de Itaipava. Somente em 1987, com a publicação do depoimento de Willems por parte de Mariza Corrêa (1987: 120), se tem acesso à informação de que o trabalho de campo foi realizado

---

<sup>24</sup>A expressão é de José de Souza Martins, em depoimento reproduzido, na íntegra, mais adiante.

<sup>25</sup>Por e-mail (fevereiro de 2008).

em companhia de Gioconda Mussolini, Francisca Klovrza, Florestan Fernandes, Alceu Maynard de Araújo, Carlos Borges Schmidt e Paulo Florençano, colaboradores dedicados e inteligentes, alguns dos quais, anos depois, viriam a ocupar posições de grande distinção nas Ciências Sociais do Brasil.

Pouco depois da publicação da primeira edição do livro de Willems, Gioconda Mussolini publicará na *Revista do Museu Paulista*, em 1949, uma severa resenha crítica do volume, em que, aliás, inicia o seu caminho de distanciamento dos aspectos mais problemáticos dos “estudos de comunidade” (cf. CIACCHI, 2007 e 2009) e do culturalismo teuto-brasileiro. Entretanto, ainda em companhia de Willems, Gioconda Mussolini participara em 1947, da pesquisa na ilha de Búzios, que resultará no livro de Emilio Willems (“*in cooperation with* Gioconda Mussolini, como diz a folha de rosto), *Buzios Island; a Caicara Community in Southern Brazil* (Monographs of the American Ethnological Society, XX, New York), que só será publicado em português em 2003. No Prefácio à edição americana de 1952, a antropólogo alemão informa que

o profundo conhecimento da Professora Mussolini sobre a cultura caiçara foi especialmente valioso para se obter um quadro claro da comunidade local. Cada membro do grupo focalizou sua atenção em um aspecto particular da cultura local. Reuniões diárias e trocas de experiências e sugestões foram extremamente compensadoras.

Ora, embora não haja mais nenhum detalhe sobre a divisão de tarefas e de focos entre os pesquisadores, nem sobre a organização logística e mesmo hierárquica entre eles, é claro que a informação que se retém, aqui, é a relativa ao “profundo conhecimento” de Gioconda sobre a cultura caiçara. Entretanto, a frase, longe de levar a conclusões, constitui mais uma questão a ser resolvida: como complementá-la com evidências que documentem os passos que levaram a assistente de Willems a adquirir essa experiência? Pois o problema é que até esse mês de julho de 1947 Gioconda apenas publicara dois artigos sobre “o cerco da tainha” e “o cerco flutuante” (1945 e 1946, respectivamente), mas sobre as suas pesquisas na Ilha de São Sebastião (motivação inicial, período, duração, equipe, condições etc.), de onde resultaram os dois artigos, nada sabemos. Trata-se, na realidade, de uma dúvida que, no estado atual da pesquisa, dificilmente será resolvida. Mas em volta dela gira a possibilidade de esclarecimento do que se mantém como um dos problemas principais desta investigação: a reconstrução da atividade antropológica de Gioconda Mussolini *sobre o tema da pesca artesanal*.

A sua colaboração na *Revista de Antropologia* é a outra face de uma medalha já mostrada pelo depoimento de Eunice Ribeiro Durham:



naquele tempo nós, os assistentes, constituíamos uma espécie de extensão do catedrático. Éramos então três: Gioconda Mussolini, Ruth Cardoso e eu e éramos designadas para escrever resenhas e auxiliávamos na correção das provas (três para cada edição) DURHAM, 2003: 362).

Gioconda participa do Conselho de Redação desde a fundação da revista até o seu falecimento, Ruth Cardoso e Eunice Ribeiro passam a participar na administração da revista assim que entram na estrutura da Cátedra. E João Baptista Borges Pereira corrobora:

*A Revista de Antropologia* foi um ato pessoal, heróico de Schaden. Não foi um ato institucional, porque se dependesse da instituição não haveria a *Revista*, nunca. Ele é que fundou a *Revista*, ele que a idealizou. Quando eu vim pra cá, a *Antropologia* era extremamente minoritária, em todos os sentidos. Tanto qualitativa como quantitativamente. Só havia a Gioconda Mussolini e o Egon Schaden (MARRAS, 2003: 327)<sup>26</sup>.

Nesse quadro, o derradeiro esquecimento é o fato de a *Revista de Antropologia* não ter noticiado, nem mesmo num costumeiro e anônimo obituário, a morte de Gioconda Mussolini.

Sobre o seu falecimento, aliás e estranhamente, há uma pluralidade de versões.

No seu depoimento Ruth Cardoso<sup>27</sup> relata ter levado a colega para casa, de carro, depois de uma aula ministrada, à noite, na nova Cidade Universitária, numa segunda-feira, dia 26 de maio de 1969, o que acontecia corriqueiramente sempre que os horários das duas coincidissem. Como, sempre, Ruth deixou Gioconda na frente do seu sobrado, na Vila Pompeia. Ela soube, no outro dia, que Gioconda subiu as escadas, entrou no seu quarto, sofreu o rompimento do aneurisma cerebral, desmaiou e caiu ao chão. Socorrida pela irmã, que morava com ela, e levada a um hospital, morreu dois dias depois, no dia 28 de maio.

Essa lembrança da professora Ruth não é, evidentemente (até em virtude dos quase quarenta anos que se passaram), incompatível com outra “versão”, narrada por José de Souza Martins<sup>28</sup>, que, aliás, lhe acrescenta elementos reveladores e coerentes com a imagem que vamos, afinal, vislumbrando dessa mulher:

---

<sup>26</sup> Na realidade, como sabemos, havia também Ruth Cardoso e Eunice Durham.

<sup>27</sup> Em entrevista, maio de 2007.

<sup>28</sup> Por e-mail (fevereiro de 2008).

Estávamos nos chamados barracões, na Cidade Universitária, construídos às pressas, depois do ataque ao prédio da rua Maria Antônia e do fim da revolução estudantil, que a Gioconda apoiara com ternura juvenil. As aulas da tarde haviam terminado e um pequeno grupo de professores conversava sob a passarela que unia os blocos de salas de aula: Gioconda, Marialice Mencarini Foracchi, Eder Sader e eu. Era uma tarde bonita e de onde estávamos se via, lá longe, os lados do Alto da Lapa e do Sumaré. Alguém perguntou que bairro era aquele, que víamos. Recém chegados à Cidade Universitária, vários de nós não tínhamos ideia de onde é que estávamos.

Gioconda, como de hábito, estava fumando. Segurava o cigarro da maneira peculiar, que todos conheciam. De repente, sem mais nem menos, disse:

- Eu não estou preparada para morrer.

Marialice que, literalmente estava condenada à morte, portadora que era de uma cardiopatia grave (fizera implante de válvulas, o que, ela sabia, lhe assegurava uma sobrevida de 5 anos), deu sua gargalhada característica e disse:

- Que é isso, Gioconda?! Nós ainda vamos enterrar muita gente!

Gioconda se queixou dos jovens, dos estudantes, que apoiara e de cujo movimento participara, pelo descaso com os mais velhos, esquecidos com facilidade. Naquela noite, depois das aulas noturnas, tomou o táxi do taxista com quem tinha o trato de buscá-la quando terminavam as aulas. Teve o derrame no caminho de casa, em que vivia com a irmã, que era enfermeira. Como o motorista conhecia o destino, levou-a até lá e avisou a irmã que Gioconda estava mal. Foi dali para o Hospital do Servidor Público, onde morreria dois dias depois.

Essa irmã da Professora Gioconda contou-me no velório que Gioconda tinha pressão alta, estivera no médico poucos dias antes, com pressão altíssima, que lhe recomendou medicação e cuidados. No entanto, ela não só não tomou a medicação, que estava intacta, como foi regularmente às aulas. Nada comentei sobre o que ouvira de Gioconda horas antes do acidente. Mas fiquei com a impressão de que ela, desiludida, optara por morrer.

Mais recentemente, após o meu encontro com Ariclé, irmã de Gioconda, tive acesso a outra versão. Segundo ela, a sua última aula, nos barracões da nova Cidade Universitária da USP, em 26 de maio de 1969, foi interrompida abruptamente pela chegada da Polícia, que prendeu um aluno dela, acusado de ser “subversivo”. Gioconda ficou abaladíssima e tentou interpor-se. O policial ordenou, então, que ela fosse junto, acompanhando o rapaz. Quando o Reitor da USP tomou conhecimento do assunto, foi, com diversos professores para a sede do DOPS, no Largo General Osório (por ironia do destino, a poucas centenas de metros dos lugares da infância de Gioconda: a rua Três Rios, a Doutor Rodrigo de Barros, a Avenida Tiradentes), onde conseguiram soltá-lo. Teria sido justamente este aluno quem a levou para a casa. Quando chegou ao sobrado onde morava, ela chamou a irmã com urgência, porque estava passando mal. Quando

então desmaiou, em consequência de rompimento do aneurisma cerebral. Morreu dois dias depois, no Hospital do Servidor Público.

Confrontado com esta versão, Souza Martins é categórico:

essa história é inteiramente inverossímil. Gioconda deu sua aula regularmente no período da tarde, conversou com o grupo que mencionei, no intervalo entre a tarde e a noite, e deu sua aula à noite. Saiu da aula, tomou o táxi e teve o derrame no caminho, conforme me contou, no velório, uma das irmãs dela. [Irma] De tudo que se sabe, nenhum reitor foi ao DOPS defender ou libertar aluno. Se Gioconda algum dia tivesse ido ou tivesse sido levada ao DOPS, a notícia teria corrido e um número grande de professores e alunos teria se manifestado.

Entretanto, a relação entre a morte de Gioconda e a atuação dos órgãos de repressão, naqueles meses imediatamente sucessivos à decretação do AI-5 (que entrou em vigor no dia 13 de dezembro de 1969), reaparece em outro depoimento (este, sim, totalmente inacreditável, pelo menos do ponto de vista da cronologia que conhecemos), publicado pela dramaturga Consuelo de Castro, que já conhecemos como aluna de Gioconda:

Gioconda morreu depois de assistir a uma cena dilacerante: o Florestan Fernandes fora arrastado para um “camburão” a fim de “prestar depoimentos”: que depoimentos pode ter que prestar Florestan Fernandes àquelas bestas cenozoicas? Gioconda dava uma aula sobre “Revolução das espécies”. Quando soube, saiu da sala – sua tribuna maior – gritando. Mas voltou, e, com ódio santo, continuou a aula, curvando-se para mostrar como caminhavam nossos antepassados do Pleistoceno, e comentou, quase chorando, que as espécies não tinham evoluído porra nenhuma. Cutucava sua peruca, e com ela se abanava esquecendo-se que uma peruca é um disfarce. Estava ali, ainda viva, a cabeça nua e altiva remoendo aquele desgosto histórico. Pouco tempo depois – se não me falha a memória no dia seguinte – sofreu um aneurisma cerebral e morreu vendo a espécie involuir (LOSCHIAVO, 1988: 94).

Na realidade, o episódio (ou uma parte dele) refere-se com toda probabilidade, à famosa prisão de Florestan Fernandes em setembro de 1964, que o próprio sociólogo menciona num apêndice da sua quase autobiografia, “Em busca de uma sociologia crítica e militante” (FERNANDES, 1980: 209-212), através da reprodução da sua “Autodefesa”. Além disso, como sabemos, a morte de Gioconda, em 1969, ocorreu quando a Faculdade de Filosofia já funcionava, embora precariamente, na atual Cidade Universitária, tendo abandonado a Maria Antônia, às pressas, depois da batalha de outubro de 1968.

Finalmente, cabe relatar um testemunho recente de Antônio Augusto Arantes,

que esteve com Gioconda em Paris, entre final de 1968 e começo de 1969 e relata que ela, numa breve passagem por Londres, teria feito exames médicos aprofundados, que a deixaram extremamente preocupada e deprimida. O diagnóstico de aneurisma, e a gravidade do seu estado de saúde, revelados nessa ocasião, devem ter provocado, como sustenta Arantes, o humor extraordinariamente melancólico de Gioconda após a sua volta ao Brasil. Concluindo, é necessário lembrar que, segundo Ariclé, sua mãe, Adalgisa, teve a sua morte provocada pela mesma causa, em 1949, aos sessenta anos de idade. Gioconda tinha 56.

A morte da professora repercutiu também na imprensa. Esse é o teor da matéria publicada pela *Folha da Manhã*, no dia sucessivo<sup>29</sup>:

#### **Falece a profa. Gioconda Mussolini, antropóloga da USP**

Faleceu ontem a professora Gioconda Mussolini, que era a regente de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo e que foi a primeira antropóloga brasileira de notoriedade científica mundialmente reconhecida.

Foi também uma das primeiras brasileiras a ingressar na atividade científica e universitária. Ela representava, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, uma das primeiras gerações de estudantes daquela escola, das quais saiu a maior parte dos atuais pesquisadores da Universidade.

Por mais de 25 anos, a professora Gioconda Mussolini se dedicou à formação universitária de muitos estudantes na área da sua especialidade, a Antropologia. A professora Gioconda – com quem seus alunos mantinham amplo e aberto diálogo – foi estudante e cooperou com os famosos antropólogos Roger Bastide, Claude Lévi-Strauss e Radcliffe-Brown, no tempo em que eles pesquisavam no Brasil.

#### **OBRAS**

Entre inúmeras obras que escreveu, fruto de suas pesquisas antropológicas, destacam-se duas obras, consideradas fundamentais: “Os meios de defesa contra as moléstias e a morte em duas tribos brasileiras: Kaingang de Duque de Caxias e Bororó” (São Paulo, Separata da Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, no. CX, 1946, p. 7-152) e “Buzios Island. A Caiçara community in Southern of the [*sic*] Brazil”, em colaboração com Emilio Willems (Nova Iorque, Monographs of the American Ethnological Society).

Estas obras são citadas no prefácio do professor Florestan Fernandes ao livro “Evolução, Raça e Cultura”, em que a autora, professora Gioconda Mussolini, é elogiada pela sua profícua atividade universitária. Neste prefácio, são citadas ainda as seguintes obras de sua autoria: “Alterações da estrutura demográfico-profissional de São Paulo – da Capital e do Interior – num período de catorze anos – 1920-1934”, “Notas sobre os

<sup>29</sup> O recorte encontra-se entre os papéis de Florestan Fernandes, conservados, juntamente com o seu acervo bibliográfico, na Biblioteca da Universidade Federal de São Carlos. Agradeço a bibliotecária Vera Coscia pelo acesso a esse e outros materiais.

conceitos de moléstia, cura e morte entre os índios Valpidiana”, “Os Pasquins no Litoral Norte de São Paulo e suas peculiaridades na Ilha de São Sebastião” e “Persistência e Mudança em Sociedades de ‘Folk’ no Brasil” – uma das suas obras mais conhecidas fora do país.

Seu corpo está sendo velado no prédio da administração da Faculdade de Filosofia da USP, na Cidade Universitária. O enterro se realizará às 11 horas de hoje.

Cabe, aqui, antes de voltarmos à produção intelectual de Gioconda Mussolini, alguma reflexão de ordem mais privada. A minha pesquisa de campo levou-me a ouvir um grande número de pessoas que conviveram com ela, na sua grande maioria na esfera pública. Lembranças e esquecimentos, como vimos, além de uns poucos documentos oficiais, contribuíram para delinear-lhe o perfil acadêmico. Entretanto, estava nos acordos do seu temperamento arrastar alunos e colegas para a sua própria esfera particular. Gioconda era ou pareceu transparente para quase todos. Mas todos concordam em restituir-me dela uma imagem ambivalente, que ainda não quero definir “cindida”. Vi e ouvi a Gioconda exuberante, vaidosa, alegre, da gargalhada solta, entusiasmada pela vida e pelas pessoas, sempre juvenil, ainda depois da chegada da meia idade. E vi e ouvi, também, a Gioconda angustiada, silenciosa, fumante compulsiva, encolhida e recolhida, ferida pela vida. Vi as duas Giocondas, ora em companhia, ora separadas, andarem pelas ruas de São Paulo, pelos corredores e pelas salas de aula da Maria Antônia, pelas praias de Ilhabela, nos congressos, nas bancas de pós-graduação. Mas o meu problema, agora, não é compreender essa duplicidade, pelo simples fato de que não se trata de duplicidade. Afinal, nem nos momentos mais depressivos ela deixou de desempenhar as suas tarefas – e brilhantemente, até onde se enxerga – nem nas ocasiões mais felizes e relaxadas lhe faltou a seriedade necessária para elas. Em outras palavras, como cada um de nós, Gioconda Mussolini recebia da vida e a ela retribuía de acordo com as circunstâncias e as possibilidades que lhe se ofereciam e apresentavam. Ponto pacífico, apesar dessa guerra entre sentimentos.

A minha inquietação, aqui, é outra, e se coloca mais uma vez na ordem escorregadia das suposições. Assim como Norbert Elias (1995: 10) fez ao debruçar-se na trajetória de Mozart, “é preciso indagar o que esta pessoa considerava ser a realização ou o vazio da sua vida”. Pois aquelas duas Giocondas encontravam-se ora preenchidas ora vazias.

É relativamente fácil intuir as fontes da realização. Como lembra um outro ex-

aluno dela, Mauro Cherobim<sup>30</sup>, referindo-se ao ambiente na Cadeira de Antropologia em meados dos anos Sessenta, havia esse lado “maternal” de Gioconda:

Ruth, Eunice, Amadeu e Hunaldo ficaram na Antropologia. Em volta da Gioconda. Que se acomodou como professora. E este grupinho era como que ‘filhos’ dela. Você acredita que eu nunca vi a Gioconda sozinha? Ruth e Eunice e o Hunaldo sempre estavam em volta dela. [...] Gioconda mantinha a sua sombra maternal sobre todos eles<sup>31</sup>.

Gioconda “adotava” muitos dos seus alunos, e essa relação se estendia nos anos, mesmo quando os ex-alunos se tornavam colegas e colaboradores (“Talvez por ser solteira, sem filhos”, acrescenta ainda Cherobim, sem que eu pergunte). O depoimento de Antônio Augusto Arantes vai para a mesma direção, ainda que por outro caminho:

Ela vinha pra Faculdade, que funcionava à tarde e a noite. De manhã não tinha aula. Ela sempre vinha pra cá na hora do almoço e ia pra casa dormir. Jantava todo mundo por aqui, Gioconda [...] ficava nesse barzinho [...] frango à passarinho, bater papo, tomar caipirinha [...] Quer dizer, era uma coisa muito intensa. Então havia uma aliança muito forte entre as pessoas que trabalhavam aí. Embora, é claro, houvesse diferenças políticas, muitas vezes até conflitos grandes [...]. [*Mesmo assim*], nós - seus alunos e jovens assistentes - a chamávamos de professora Gioconda: “a senhora”... Imagine!

\* \* \*

Essa é uma parte do emaranhado de vozes que perfazem o coro da ópera e da obra de Gioconda Mussolini. Parece-me razoável afirmar que esse coro já atende a um dos objetivos principais da pesquisa: a definição inicial do lugar ocupado por Gioconda

<sup>30</sup>Comunicação pessoal, por e-mail.

<sup>31</sup>Hunaldo Beicker, também aluno de Gioconda, contemporâneo de Renate Viertler e Antônio Augusto Arantes e, posteriormente, como eles, assistente na Cadeira de Antropologia, é uma personagem importante dessa história. Mas sobre ele caiu um silêncio, entre piedoso e constrangido: sempre mencionado pelos membros do “grupinho” e pelo professor João Baptista, mas com inúmeras reticências. Muito amigo de Gioconda, com quem mantinha uma frequência mais externa aos ambientes da Maria Antônia, teve problemas de saúde que não me foram declarados abertamente pelos meus entrevistados. Intuo-os, mas mantenho-me, também, discreto, por respeito a eles e a ele. Defendeu sua dissertação de Mestrado (*Pobres e favelados em São Paulo: um estudo de caso*), em 1972, após a morte de Gioconda, orientado por João Baptista Borges Pereira. Deixou de pertencer aos quadros da USP, dos quais saiu, em ano que não pude averiguar, por conta desses problemas. Em 1990, aparecia ainda como membro do Conselho Editorial da *Revista de Antropologia*. Morava ainda em São Paulo, à época da minha pesquisa, mas me foi sugerido que não o procurasse para entrevistá-lo. Em junho de 2013, o site da FFLCH publicou esta nota: “O Departamento de Antropologia tomou conhecimento do recente falecimento do professor Hunaldo Beiker. O professor Hunaldo pertencia à área de Antropologia do antigo Departamento de Ciências Sociais da FFLCH. Registramos aqui nosso pesar pelo falecimento de um professor que muito estimulou seus alunos à realização de pesquisa de campo na cidade de São Paulo, com uma metodologia criteriosa e ao mesmo tempo inovadora”.

no campo da antropologia brasileira. As narrativas até aqui disponíveis confirmam uma das hipóteses iniciais: elas silenciam sobre o conteúdo propriamente epistemológico, teórico e metodológico dessa posição disciplinar. A trajetória de Gioconda está, razoavelmente, clareada, mas as vozes que contribuíram para o seu delineamento (depoimentos, documentos e cruzamentos) ainda permanecem aquém do que seria necessário clarear. Vida e obra ainda estão em posições mutuamente assimétricas. Temos esqueleto, carne e sangue, mas falta a figura inteira.

Nesse sentido, a lacuna mais grave está fora das possibilidades das narrativas: onde estariam os originais da tese de doutorado, não defendida? E por que ela não foi defendida? E qual a relação entre a carreira institucional de Gioconda e o fato de a tese não ter sido defendida? Qual o verdadeiro papel dessa tese (e da falta dela) nas disputas em torno da sucessão e da chefia da cadeira de Antropologia da FFCL, sobretudo em 1965 e 1966? E, finalmente, qual o papel do fato de Gioconda estar no meio dessas disputas a partir de uma posição de gênero, única mulher num meio hierarquicamente masculino?

Segundo depoimento de Antonio Candido, os originais da tese estiveram nas mãos do prof. Edgard Carone, amigo pessoal de Gioconda (e, possivelmente, também seu ex-aluno), que, depois de ter organizado a edição do volume *Ensaio de antropologia indígena e caiçara*, em 1980, pretendia fazer o mesmo com a tese:

Posteriormente, pretendemos divulgar outros [*trabalhos*], entre eles a tese preparada para o Doutorado, a que a autora provisoriamente deu o título de *Persistência e cultura em Ilhabela*, e que seria defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo (CARONE, 1980: 16).

Hoje, sabemos que esse longo texto datilografado, com cerca de 500 laudas, encontra-se conservado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP<sup>32</sup>

Entretanto, o processo de ascensão funcional a que Gioconda se submeteu em 1965 (a “promoção” a assistente de Schaden, que depois da defesa da sua tese de cátedra pôde assumir plenamente a titularidade da cadeira), contém, além de um Currículo, uma peça de grande importância para podermos inferir algo mais consistente sobre o que viria a ser essa tese e em que contexto ela se inseriria. Trata-se do “Plano de trabalho e pesquisas”, assinado pelo próprio Schaden, na dupla qualidade de chefe da

---

<sup>32</sup>Estou me dedicando, neste momento (abril de 2015) à organização do material, com vistas à sua publicação. Com relação ao título da tese, os responsáveis do IEB a registraram como “Estudos pioneiros sobre os caiçaras de Ilha Bela”. Trata-se de 59 caixas, que também contêm outros materiais (fichamentos, resenhas, artigos), com numerosíssimas anotações marginais da autora.

Cadeira de Antropologia e orientador de Gioconda. Sinto a necessidade de transcrevê-lo integralmente:

Os trabalhos de pesquisa de D<sup>a</sup>. Gioconda Mussolini têm se centralizado ao redor de populações caiçaras. Neste sentido, o seu conhecimento do litoral-norte do Estado de São Paulo, que data de 20 anos, levou-a à consideração de uma série de problemas que foram se colocando à área em virtude não só de uma verdadeira sucessão ecológica que ali se está verificando, dada a valorização turística da região (colocando o caiçara diante de uma situação embaraçosa em relação ao uso tradicional da terra), como também, de um ponto-de-vista mais estritamente econômico, das vinculações da área com um mundo mais amplo, decorrentes da procura da banana (buscada, depois da criação de estradas, por compradores de São Paulo, Minas e Vale do Paraíba, em caminhões que servem de veículo de escoamento do produto) e do desenvolvimento da pesca comercial principalmente nos portos do Rio de Janeiro e Santos.

Por uma confluência de circunstâncias, as pequenas populações litorâneas, que até há pouco viviam fechadas sobre si mesmas, foram se vendo a braços com problemas que estão a exigir delas uma readaptação sócio-econômica-cultural que muito se assemelha a uma situação “aculturativa”. Em virtude de uma série de inconsistências que já pesavam sobre a sua própria organização social, bem como de certas orientações culturais que o tornava mais sensível a certos estímulos do que a outros, um dos fenômenos mais conspícuos que se patenteia ao observador é o recurso do caiçara à pesca comercial, principalmente na qualidade de mão-de-obra “assalariada”. Decorrem daí duas situações de grande interesse para a pesquisa:

1º. Permanência do pescador e sua família nos próprios lugarejos de origem – fato permitido pela contribuição monetária dos membros da família engajados na pesca, quer se radiquem em Santos ou Rio, quer se ausentem apenas enquanto “embarcados”, ou seja, continuam a residir na praia de origem. Este é um problema de grande alcance teórico e prático e tem merecido a atenção do antropólogo em outras partes do mundo, como por exemplo, os estudos dos antropólogos ingleses sobre o trabalho migrante na África.

2º. Êxodo da mão-de-obra caiçara para Santos, com abandono definitivo das pequenas praias litorâneas. Este aspecto constitui um capítulo importante das migrações rurais-urbanas e, no caso, pode ser abordado com vantagem pelo fato de D<sup>a</sup>. Gioconda Mussolini conhecer precisamente as condições de vida dessas populações e poder precisar as determinantes do êxodo.

Em ambos os casos, o especialista encontra campo fecundo para o estudo do processo de integração de populações isoladas na órbita dos grandes centros urbanos.

Havendo se dedicado, in loco, ao primeiro tema, D<sup>a</sup>. Gioconda Mussolini resolveu realizar uma pesquisa intensiva sobre o segundo. Todavia, ao localizar o campo de trabalho em Santos, não perdeu de vista o primeiro tema, razão pela qual fez da pesca comercial o foco de suas análises. Assim, embora houvesse



apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa um projeto de trabalho sobre “O AJUSTAMENTO DO MIGRANTE CAIÇARA À CIDADE DE SANTOS ANALIZADO ATRAVÉS DA ATIVIDADE DA PESCA COMERCIAL”, o projeto prevê o estudo não só da mobilidade de trabalho, como o da sua flutuação.

A pesquisa em apreço, apesar de preservar a sua marca de origem – o interesse pelas populações caiçaras das pequenas comunidades – e visar a apreender, em processo, as alterações da sua vida local ou o seu êxodo e interação na cidade grande, estende-se para abarcar toda a trajetória (aliás curta, datando de uns 40 anos a esta parte) do próprio desenvolvimento da pesca em todas as suas implicações sócio-econômicas e culturais nesta importante região do Estado. Assim, pretende captar, em todas as suas ramificações – inclusive enquanto canais de circulação de bens e serviços – a trama de relações que está articulando todo o sul do país (da Guanabara ao Rio Grande do Sul) numa grande unidade de exploração econômica. Como peculiaridade desta situação no que diz respeito a São Paulo, a pesca que na Guanabara, por exemplo, é por excelência um empreendimento português, passa a encontrar no japonês um elemento de destaque, razão pela qual esta etnia merecerá interesse especial. Não menos importante, porém, será o estudo do próprio caiçara como empresário. Neste caso, prosseguir-se-á o inquérito já iniciado a propósito de uma classe especial de empresários, constituída pelos proprietários de uma parte apenas dos meios de produção: a rede. Esta classe tem particular interesse no estudo, porquanto a equipe da rede tem possibilidade de permanecer na própria praia de origem, canalizando para ela capital, e sendo dispensada da necessidade de se radicar em Santos ou para ali “flutuar” periodicamente.

Este projeto de pesquisa foi aprovado pela FUNDAÇÃO, que concedeu para a sua realização uma bolsa de iniciação científica a um aluno, pelo prazo de 8 meses (na realidade, 4 para o presente trabalho, porquanto o mesmo pesquisador deverá atuar também num projeto a cargo de D<sup>a</sup>. Eunice Ribeiro Durham) e um auxílio monetário para viagens (Santos e Rio de Janeiro) e serviços técnicos. Além disso, contará com a colaboração de um aluno como voluntário. A pesquisa propriamente dita iniciar-se-á no mês de julho próximo, mês em que ela deverá intensificar-se ao máximo aproveitando as férias escolares dos pesquisadores para satisfazer a necessidade de permanência na cidade de Santos. Em suma: as atividades de pesquisa de D<sup>a</sup>. Gioconda Mussolini, no momento e num futuro próximo, dizem respeito ao seguinte:

1º. Redação de sua tese de doutoramento sobre populações caiçaras do litoral norte de São Paulo, tendo como principal campo de análise a Ilha de São Sebastião.

2º. Pesquisa-de-campo no porto de Santos (com uma pequena viagem ao porto do Rio de Janeiro para esclarecimento de algumas questões sobre o mercado pesqueiro, que ali funciona diferentemente do de Santos), da qual participarão dois alunos, e na qual se usarão entrevistas, questionários, históricos-de-vida com vistas aos seguintes problemas:

- a. A pesca comercial: análise interna da própria organização desse empreendimento, inclusive numa visão diacrônica.
- b. O caiçara e a pesca: o caiçara como proprietário e como mão-

de-obra “assalariada”.

c. A adaptação do caçara (ligado à pesca) à cidade de Santos ou à sua praia de origem. Decorrência da pesca na fixação e no êxodo das populações litorâneas.

Quanto às atividades didáticas, D<sup>a</sup>. Gioconda Mussolini está encarregada da regência do curso Noturno e incumbida, no presente ano, da orientação dos trabalhos dos alunos do Curso de Mestrado (Especialização).

Esse documento permite algumas observações. Em primeiro lugar, embora isso tenha uma importância marginal, os dois alunos mencionados são Hunaldo Beicker e Antônio Augusto Arantes. É este que lembra:

Ela tinha intenção (eu acho que para esse projeto de tese dela, justamente) de atualizar... Ela já tinha muitos conhecimentos, em Ilhabela. Ela já tinha vários escritos sobre relações sociais em Ilhabela. Ela pesquisou lá durante muitos anos. Ela conhecia bem as famílias, conhecia todos muito bem. Ela conhecia pais, filhos avós, noras... Mas ela queria atualizar os dados, porque muito tempo tinha se passado entre o período em que tinha convivido com essas famílias e o momento em que ela estava escrevendo o trabalho. Ela queria saber em que bairros morava o pessoal de Ilhabela que tinha migrado pra lá. Tinha o bairro de “Pouca Farinha”, que fica perto de um bairro maior, chamado Santa Rosa, que é na chegada da balsa do Guarujá. Então, Hunaldo e eu fomos pra lá – ela tinha conseguido uma verba da FAPESP. Hunaldo e eu éramos contemporâneos, da mesma turma. E nós fomos pra lá e fizemos um *survey* dessas famílias que moravam lá, e nos detivemos nas redes de relações sociais e de parentesco. Ela queria fazer um levantamento exaustivo de cada casa, famílias, etc. E as relações que estruturavam esta comunidade, de parentesco e vizinhança principalmente. E outras atividades como o trabalho, etc. Que estavam muito articuladas a essas outras. E todo o processo de crescente migração de famílias, de onde elas vinham e tudo o mais. E nós chegamos a fazer esse levantamento. Então nós fizemos o campo primeiro para uma observação geral. Ela foi pra Santos também. Nós alugamos um apartamento em Santos na Ponta da Praia, que era na frente desse bairro, e aí ficamos o Hunaldo e eu por um tempo não muito longo, acho que uns dois meses e meio. Mas antes nós fizemos algumas viagens ao campo. Tivemos o suporte de cinco formulários que nós criamos e fizemos esse levantamento dos dados para ela e entregamos. Nem me lembro se fizemos uma sistematização desses dados, mas entregamos um material bom, com certeza<sup>33</sup>.

Os problemas, entretanto, começam se e quando quiséssemos averiguar a autoria do documento. Embora assinado por Schaden, nada impede que a própria Gioconda, a maior interessada no processo, tenha feito ela mesma um rascunho, eventualmente

---

<sup>33</sup>Depoimento, maio de 2007.

“passado a limpo” pelo catedrático e orientador. Mas o problema maior, nesse caso, é constituído pelo fato de que, aparentemente, o projeto apresentado e aprovado pela FAPESP, sobre os migrantes caiçaras seria diferente, distinto, do projeto de tese (“sobre populações caiçaras do litoral norte de São Paulo, tendo como principal campo de análise a Ilha de São Sebastião”), que se limitaria, nesse caso, a um “estudo de comunidade” relativamente simples e de menor fôlego, ao passo que o projeto FAPESP teria alcance bem maior. Parece-me uma hipótese dificilmente aceitável, a não ser que essa distinção não fosse, justamente, uma exigência do orientador de Gioconda, o prof. Schaden. Se as palavras de Arantes (“eu acho que para esse projeto de tese dela, justamente”) não ajudam a resolver definitivamente a questão, é oportuno lembrar que na VI Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em São Paulo em 1963, portanto dois anos antes da redação desse documento, Gioconda apresentaria um texto, intitulado “Os japoneses e a pesca comercial no litoral norte de São Paulo”. O artigo seria publicado no vol. 14 (1963) da *Revista do Museu Paulista*, junto aos demais trabalhos daquela Reunião. Abordei-lhe o conteúdo em outro trabalho (CIACCHI, 2007), situando-o no contexto da produção impressa de Gioconda sobre temas marítimos, mas, aqui, ele ajuda na reconstrução do estado adiantado em que se encontravam os seus estudos, num momento, provavelmente, decisivo para o desenvolvimento da sua tese de doutorado. Fico, então, com a sensação de que aqui flagramos o primeiro contraste entre orientador e orientanda, aliás, talvez, o único contraste “público” entre eles, relativo a um aspecto extremamente relevante, nesses casos, como o próprio “recorte” da tese.

Recorrendo novamente ao Currículo de 1965, cabe assinalar que nele, na seção “Trabalhos publicados, em andamento, etc.” (pág. 4) à menção do artigo de 1963 seguem dois itens:

- Está realizando uma pesquisa sobre “A contribuição dos japoneses à pesca Paulista”. Esse trabalho, que visa a integrar o interesse a propósito da organização da pesca em nosso litoral (*principalmente em seus aspectos sociais*) e o interesse sobre a aculturação dos japoneses no Brasil, está sendo feito à base de pesquisas na Ilha de São Sebastião, na cidade de Santos e na Ilha Grande (Estado do Rio).
- Está redigindo a tese de Doutorado sobre “Um estudo de comunidade”, que tem como centro de análise a Ilha de São Sebastião (litoral-norte do Estado de São Paulo). (*grifo meu*)

É completamente viável, porém, a hipótese de que, na realidade, a tese de doutorado buscasse integrar aqueles dois interesses; ou seja, que a tese não se configuraria bem como *apenas* “um estudo de comunidade”, mas como um trabalho de

mais amplo fôlego teórico e metodológico, que confirmaria tanto as opções epistemológicas presentes nos trabalhos anteriores quanto a que se manifesta nesse último artigo de 1963. Disso deriva a também verossímil hipótese de que foi justamente a dificuldade de tal integração de perspectivas e mesmo de alcance temático a dificultar a redação (ou a defesa) da tese, inclusive diante da provável discordância do seu orientador, Egon Schaden, quanto à fundamentação e oportunidade de tal empreitada.

Nessa discussão, parece-me cabível introduzir um elemento só aparentemente externo. Nesse mesmo ano de 1963, a *Revista de Antropologia* (fundada por Schaden, mas, como vimos, “tocada” por Gioconda, com a colaboração de Ruth Cardoso e Eunice Durham) publica o artigo “O estudo sociológico de comunidades”, de Maria Sylvia Franco Moreira (que nesse período era assistente de Florestan Fernandes na Cadeira de Sociologia I), no qual a autora faz mais um balanço crítico da “modalidade clássica desses trabalhos” (MOREIRA, 1963: 30). No texto, defende-se

a conveniência de completar a pesquisa de campo com a do passado. [...] Realmente, se quisermos compreender de modo mais completo o tipo de relações presentes na comunidade estudada, não podemos deixar de dar à investigação uma dimensão histórica (*Idem*: 33).

Em nota a esse parágrafo, a autora cita o estudo de Gioconda sobre “Persistência e mudança em sociedade de folk no Brasil” (1955) como único exemplo de alguém que reconheceu a “necessidade desse procedimento”. Ou seja, provindo do grupo de Florestan (que só em 1972, nos textos em que introduz as várias seções da coletânea *Comunidade e Sociedade no Brasil*, por ele organizada, iria retomar, publicamente, essa crítica e essas observações), levanta-se uma voz importante para “separar” a abordagem de Gioconda da dos demais praticantes dos estudos de comunidade. Mas o que mais me interessa, aqui, é registrar que nesse mesmo artigo, Maria Sylvia propõe uma espécie de *desiderata* epistemológicos que soam muito afinados ao que Gioconda pretendia com a “extensão” da sua pesquisa de Ilhabela para Santos e o Rio de Janeiro. A citação é longa mas esclarece o meu ponto de vista:

Na reconstrução da estrutura sócio-econômica das pequenas comunidades não se pode ficar preso, mesmo que se pudesse contar com documentação satisfatória a respeito, aos processos que se referem estritamente aos ajustamentos internos à comunidade tomada por objeto; pelo contrário, esses processos não podem ser vistos isoladamente, mas à luz das determinações essenciais que definem o sentido das relações na sociedade mais ampla da qual são parte. Essa orientação implica, evidentemente, em que a visão do sociólogo não pode ser exclusivamente dirigida para os fenômenos que têm sido focalizados nos estudos de comunidade.

Isto nos conduz ao problema da manipulação do conceito de relações comunitárias e de sua adequação à investigação que visem captar não apenas os fenômenos que dizem estritamente respeito à organização interna da comunidade, mas que têm por objetivo compreendê-la à luz de sua articulação com a sociedade inclusiva, única orientação que – organicamente, tanto do ponto de vista prático quanto do teórico – confere sentido aos estudos de comunidade (*Idem*: 36-37).

Em seguida, a autora retoma a crítica ao uso corrente do “conceito de relações comunitárias” (de parentesco, de vizinhança e de ajuda mútua), para sustentar que ele é insuficiente para “lograr uma compreensão da pequena comunidade do presente, como situação concreta” e para “apreender os fatores de mudança de que estão permeadas as pequenas comunidades no presente” (*Idem*: 37). Não parece ser outro o programa de pesquisa de Gioconda, no projeto sobre o “ajustamento do migrante caiçara à cidade de Santos analisado através da atividade da pesca comercial”. Essas observações, por fim, permitem levantar a hipótese de que existe uma relação de forte interdependência entre a posição de renovação teórica à qual havia chegado Gioconda Mussolini no começo dos anos Sessenta (mas, aqui, independentemente do fato de o “projeto FAPESP” se referir à tese de doutorado ou não) e as observações críticas a muitos dos pressupostos epistemológicos correntes na “modalidade clássica” dos estudos de comunidade, que Gioconda vinha, também, criticando, desde o final da década de Quarenta (como numa resenha a *Cunha*, obra de Emilio Willems)), mas que aqui flagramos num texto de um nome importante da Sociologia uspiana (e “florestaniana”), produzido no mesmo período em que Gioconda mais claramente imprimia aos seus próprios estudos sobre os caiçaras essa marca de renovação.

Um outro ponto relevante, aqui, implica na necessidade de avançar, até considerar em que medida a “falta de título” impediu Gioconda de assumir, como todos “esperavam”, a titularidade da Cátedra de Antropologia. Segundo Ruth Cardoso (*Apud CORRÊA*, 1995: 55), houve, em 1967, uma tentativa de proposta de contratação temporária de um docente estrangeiro, que servisse de “tampão” entre a aposentadoria de Schaden e a defesa da tese de Gioconda. Mas é ainda a professora Ruth que observa que “apesar da alta estima e admiração que colegas e estudantes tinham por Gioconda Mussolini, nunca lhes passou pela cabeça contestar o sistema que impedia que uma pessoa sem o título de doutor ocupasse a cátedra” (*Idem*).

Está aqui o nó do não? O fato é que ninguém que possa, hoje, testemunhar nessa matéria estava, à época, distanciado dos acontecimentos. Os embates, inclusive,

ultrapassavam a cadeira de Antropologia, se, pouco depois da designação de João Baptista Borges Pereira, as duas amigas de Gioconda, Ruth Cardoso e Eunice Durham abandonam a cátedra e passam para a área de Política. Esta, por sua vez, pouco tempo, antes, havia sido terreno da disputa entre a própria Paula Bieguelman e Fernando Henrique Cardoso, egresso da cadeira de Sociologia, que sairia vencedor, graças, inclusive, à intervenção de Florestan Fernandes<sup>34</sup> – fato, aliás, que teria ocasionado uma rápida, temporária, mas intensa “ruptura” entre Florestan e Gioconda, amiga fiel de Paula Bieguelman, como vimos.

São escassíssimas, pois, as narrativas que permitam esclarecer essa questão. Na realidade, aliás, o único que a comenta com mais liberdade é Antônio Augusto Arantes<sup>35</sup>:

No momento que o Schaden deixou transparecer que ele sairia, que ia se aposentar, criou um problema sério de sucessão. E aí aumentou a pressão sobre a Gioconda. Porque ela era a pessoa que poderia e deveria assumir. Só que pra que isso acontecesse ela tinha que superar o constrangimento dela mesma com ela. Então, aí fica um conflito pessoal. Aí abriu uma brecha pra que o João Batista entrasse, ele não tinha livre docência ainda, teve que fazer livre docência logo depois. [...]

*A resistência do Schaden em ter uma mulher como professora. Isso era pelo fato de ser mulher, de ser Gioconda, e pelas duas coisas, dos dois sentidos.* Havia uma pressão grande na cadeira pra que a Gioconda assumisse. Uma pressão de todo mundo. De todo mundo menos o Schaden. E todo mundo menos uns dois ou três que não acompanhavam. Mas de qualquer forma, era predominante na cadeira de antropologia o entendimento de que a Gioconda deveria assumir a cadeira. Pra isso ela precisaria fazer o concurso pra catedrático. [...]

Mas podia ser que pela insistência do Florestan, talvez a coisa tenha ficado um pouco pesada com o Florestan, porque eu entendo, até onde eu sei, me parece que o Florestan insistia muito para que a Gioconda defendesse a tese dela. E achava que ela devia fazer porque tinha a obrigação de fazer. Porque ela tinha a obrigação formal. [...] Talvez ela se sentisse assim mais do que cobrada pelos outros. Ela se sentia cobrada. E essa cobrança dela [...] era mais difícil. Porque pra ocupar essa posição, teria que defender o doutorado. [...]. Mas era um enfrentamento. Porque ela era contemporânea do Schaden. Eram pessoas da mesma idade, então, os dois tinham uma tensão entre eles a respeito da cadeira de antropologia e tal, mas era claramente uma tensão. [...] *Eles tinham idéias diferentes. Eles não se entendiam.*

Na falta de outros registros, portanto, não há, ainda, como escapar da fria norma

<sup>34</sup>Na opinião de João Baptista Borges, em entrevista para esta pesquisa. Cf. também SILVA (2008).

<sup>35</sup>Em depoimento, maio de 2007. Grifo meu.

regimental vigente à época. Nem ao fato, de que já temos vários indícios (na esfera pessoal, na “social” e na acadêmico-institucional), de que existia uma significativa “fricção” entre Schaden e Gioconda. Mas há um outro caminho que nos leva a reencontrar a dor de ser mulher, no destino de Gioconda Mussolini.

Todos, mas sobretudo as mulheres entrevistadas, são enfáticos em descrever uma Gioconda angustiada por não ter se “realizado” no casamento: praticamente “abandonada no altar” duas vezes, a primeira vez por um colega da Faculdade (e de outros momentos institucionais), Mário Wagner Vieira da Cunha (mais tarde, transferido para o Instituto de Administração da USP, do qual será diretor e figura de referência), a segunda vez por alguém totalmente estranho ao meio acadêmico, um engenheiro argentino que trabalhava na Volkswagen em São Bernardo do Campo<sup>36</sup>. Decorre daí, também, de acordo com elas, a frustração da maternidade não realizada e “transferida” para o sobrinho e afilhado, Silvio. Ou também deslocada para a sua intensa, carinhosíssima relação com os seus alunos, de que temos tantas e significativas evidências. Esta hipótese permitiria diminuir o peso do seu, também tão repetido, excesso de insatisfação consigo mesma que, desde o primeiro depoimento de Antonio Candido, parece constituir a versão oficial para a não conclusão da tese e para a relativa escassez dos seus trabalhos publicados.

Mas como admitir um cenário em que a mais amada entre todos os professores de Ciências Sociais da FFCL abre mão de peças importantes na sua trajetória institucional e científica para substituí-las por um conjunto de afetividades oriundo de frustrações tão íntimas? Parece-me que mais do que questionarmo-nos sobre a viabilidade dessa hipótese, cabe refletir se isso poderia ser objeto de narrativas; em outras palavras, se isso teria uma forma de revelabilidade, por parte das tantas pessoas que, interrogadas a respeito de Gioconda, se dispuseram, com entusiasmo, carinho e um toque de indisfarçável saudade, a falar dela. Todas essas pessoas foram alunos da professora Gioconda (inclusive Antonio Candido) e, mais tarde, colegas dela. Podiam perceber isso, à época? Podem revelá-lo, agora? Não é o mais intrigante segredo que ela nos lega, mas é algo que aponta para a inadiável necessidade de insistir no desvelamento desse e de outros segredos, certamente capazes de iluminar mais e melhor um momento decisivo da história da antropologia no Brasil, e, ao mesmo tempo, para a adequação do método biográfico aqui testado.

---

<sup>36</sup>Informação de Lourdes Sola (maio de 2007).

### Referências Bibliográficas

ARANTES, Antonio Augusto. 20 anos da morte de Gioconda Mussolini. *Boletim da ABA*, nº 7, out. 1989.

BIEGUELMAN, Paula. Depoimento de Paula Beiguelman. *Informe*, Informativo da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas – USP, nº 9, março 2004.

CARDOSO, Fernando Henrique, A paixão pelo saber. In: D'INCAO, Maria Ângela (org.). *O saber militante; ensaios sobre Florestan Fernandes*, Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Falando de antropologia. Entrevista com Roberto Cardoso de Oliveira, por Luís Donizete Grupioni e Maria Denise Fajardo Grupioni, *Cadernos de Campo*, nº 5-6, 1996.

CARONE, Edgard. Nota explicativa. In: MUSSOLINI, Gioconda. *Ensaio de Antropologia indígena e caiçara*. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1980.

CASTRO FARIA, Luís de. Egon Schaden (1913-1991). *Anuário Antropológico/91*, 1993.

CIACCHI, Andrea. Gioconda Mussolini: uma travessia bibliográfica. *Revista de Antropologia*, vol. 50, n. 1, 2007.

\_\_\_\_\_. Uma leitura crítica aos estudos de comunidade no Brasil: apresentação de “Persistência e mudança”, de Gioconda Mussolini. *Cadernos de Campo*, 18, 2009.

\_\_\_\_\_. Do desembarque do navio ao embarque na canoa: Gioconda Mussolini, 1886-1938. *Revista de Antropologia*. No prelo.

CORRÊA, Mariza. *História da antropologia no Brasil (1930-1960. Testemunhos: Emílio Willems; Donald Pierson*. Campinas, Vértice/Unicamp, 1987.

\_\_\_\_\_. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1988.

DURHAM, Eunice. Formando gerações. In: D'INCAO, Maria Ângela (org.). *O saber militante; ensaios sobre Florestan Fernandes*, Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.

\_\_\_\_\_. Depoimento. *Revista de Antropologia*, vol. 46, nº 2, 2003.

ELIAS, Norbert. *Mozart; sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

FERNANDES, Florestan. Nota da editora. In: MUSSOLINI, Gioconda (org.), *Evolução, raça e cultura*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, Editora da



Universidade de São Paulo, 1969.

\_\_\_\_\_. *A sociologia no Brasil*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

FERREIRA, Lúcio Menezes. *Território primitivo*. A institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FUNARI, Pedro Paulo. Como se tornar arqueólogo no Brasil, *Revista USP*, n. 44, 2000.

JACKSON, Luiz Carlos. Gerações pioneiras na sociologia paulista (1934-1969). *Tempo social*, São Paulo, v. 19, n. 1, 2007<sup>a</sup>.

\_\_\_\_\_. Tensões e disputas na sociologia paulista (1940-1970). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22, n. 65, 2007<sup>b</sup>.

\_\_\_\_\_ e BLANCO, Alejandro. *Sociologia no espelho*. Ensaístas, cientistas sociais e críticos literários no Brasil e na Argentina (1930-1970). São Paulo: Editora 34, 2014.

LOSCHIAVO, Maria Cecília dos Santos. (org.), *Maria Antônia: uma rua na contramão*, São Paulo: Nobel, 1988.

MACIEL, Alba Costa; ANDRADE, Diva e VALE, Eunides do. A Antropologia na Universidade de São Paulo: histórico e situação atual. *Revista de Antropologia*, vol. 21, 1ª parte, São Paulo, USP-FFLCH-DCS, 1978.

MARRAS, Stelio. Pessoa e instituição - entrevista com João Baptista Borges Pereira, *Revista de Antropologia*, vol. 46, nº 2, 2003.

MOREIRA, Maria Sylvia Franco. O estudo sociológico de comunidades. *Revista de Antropologia*, vol. 11, n. 1 e 2, 1963.

PEREIRA, João Baptista Borges. Egon Schaden: a pessoa e o acadêmico. *Revista de Antropologia*, vol. 56, n. 1, 2013.

PULICI, Carolina. *Entre Sociólogos: Versões Conflitivas da “Condição de Sociólogo” na USP dos anos 1950-1960*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

SCHADEN, Egon. Problemas de Ensino da Antropologia. *Revista de Antropologia*, vol. 2, n. 1, 1954.

\_\_\_\_\_. Os primeiros tempos da antropologia em São Paulo. *Anuário Antropológico/82*, 1984.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Dimitri. *Da política á ciência política: a trajetória acadêmica de Paula Beiguelman*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. São Paulo: USP, 2008. Mimeo.

SPIRANDELLI, Claudinei Carlos. *Trajetórias intelectuais: professoras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (1934-1969)*. São Paulo: Humanitas, 2011.

TORRES, Lilian de Lucca. Entrevista a Antônio Augusto Arantes. *Ponto Urbe*, Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, ano 2, versão 3.0, julho de 2008. Disponível em <http://pontourbe.revues.org/1804>. Acesso em 20 de abril de 2015.

TRINDADE, Helgio. *Ciências Sociais no Brasil*. Diálogo com mestres e discípulos. Brasília: ANPOCS; Liber Livro Editora, 2012.

WILLEMS, Emilio. Prefácio. *In: \_\_\_\_\_*, em colaboração com Gioconda Mussolini. *A Ilha de Búzios*. São Paulo: Hucitec: Nupaub/USP, 2003.

Data de recebimento: 20/04/2015.

Data de aceite: 18/06/2015.